

Ivã Ferreira Serpa

Leopoldo Raimo, com suas três modalidades cinéticas de **Composição**, alcança na atual fase de sua pintura de cores discretas efeitos giratórios de fragmentação de triângulos no ar, como visualizando cataclismos cósmicos. Pintor de elaboração centrífuga nos motivos e temários, joga com possibilidades dentro da abstração, essa modalidade de eurística tão limitada. Consegue isso pela identificação gráfica e plástica dos materiais de utilização.

Ernani Mendes de Vasconcelos tem uma unidade a objetivar seu processo, faltando-lhe assim elementos de comparação para deduzir do seu empreendimento. Trata-se duma **Composição** com boas qualidades e evidente consciência artesanal.

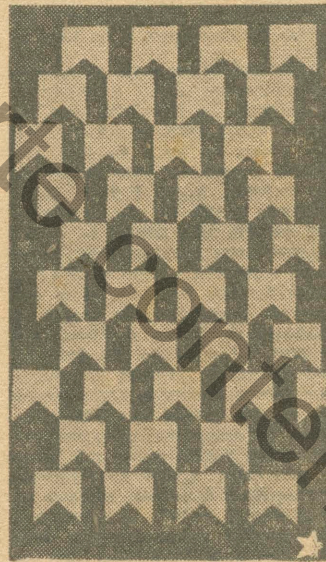
Dos figurativos, que são pouquíssimos, temos que tratar de Teresa Nicolau, Frans Krajcberg, Paulo Rissone e Elisa Martins da Silveira.

Teresa Nicolau trata dos temas das favelas que é também a especialidade episódica do gravador Rossini Quintas Perez. Usa um sistema pictórico expressionista, de relevo quase espatulado, algo novo entre nós. Isso, sobre madeira compensada, cria uma crosta cujo micro-geografia precisa ser vista de perto. Paulo Rissone, ora em elaborações gráficas e metafísicas de De Chirico e ora em sugestões plásticas de noites enluaradas em orlas de rios e fortalezas, é um figurativo de excelente matéria. Elisa Martins da Silveira, com seus temas ingenuos ou primitivos, é uma descritiva minuciosa, onde figuras humanas estão sempre em cenários vegetais de jardins, varandas e pergolas. Canudos é um óleo de interesse folclórico e ecológico, sua interpretação modesta e ao mesmo tempo aguda do mito-realidade de Antônio Conselheiro. Elaborada como está, parece uma tapeçaria. **Esperando** é outra tela de intimismo burguês e lírico, com sabor de arrabalde. A tela, **O CIRCO**, deve e pode ser comparada à tela do primitivo insolito Aristide Caillaud, do contingente francês.

Flavio Shiro Tanaka é um expressionista de tendência tachista sem temário visualizado, tem cores mais sensíveis do que Teresa Nicolau e certa dose barbara, interessante, de tratamento muito temperamental.

Quanto a Frans Krajcberg, que tirou o primeiro prêmio de Pintura do contingente nacional, é um técnico do grafismo que opera dentro de labi-

rintos florais noturnos. Quando lhe vimos trabalhos pela primeira vez em maio de 1956, disse comigo: "Será um cartomata para tapeçarias, com estes motivos ornamentais inspirados na flora brasileira?" Pois aquelas folhas de begônias, aquelas palmas, aquelas orlas de floresta dilucular, segundo anotei em artigo oportuno, evidenciavam uma aven-



Alfredo Volpi "Bandeirolas de São João"

tura linear compacta e muito entrelaçada, com ambiências tropicais, pormenores da fauna amazônica, recessos de floresta e tufo de barrancos. Mas, como que envergonhado dessa maestria que poderia levá-lo outra vez ao surrealismo, com que estreou, Frans Krajcberg abate sobre tudo isso uma atmosfera que ora é de ante-manhã ora é de prenoite. Assim, certas telas são iluminadas por fluorescências amarelas e cor de gema, lembrando auroras com um sol ainda invisível. E certos outros trabalhos são mergulhados em penumbra ou mesmo em noites, existindo poeticamente em função duma aurea ao mesmo tempo de genesis e de tempo cósmico.

Quando lhe examinei os trabalhos no velho palácio da rua das laranjeiras, como membro do júri de seleção da IV Bienal, prognostiquei-lhe verbalmente a viabilidade do prêmio que ele agora acaba de ganhar, muito embora eu supusesse que Ivan Ferreira Serpa estivesse mais capacitado vanguardisticamente para essa laurea. Meu prognóstico deu certo.